

■ PERFIL

Eduardo Coutinho

CABRA MARCADO PARA FILMAR

Se hoje Eduardo Coutinho está entre os maiores documentaristas do cinema brasileiro, ele deve muito ao filho Pedro Coutinho, nascido em 1971. Na época, o diretor, que tinha feito três filmes de ficção (episódio de *ABC do Amor*, *O Homem Que Comprou o Mundo* e *Faustão*) estava insatisfeito com o cinema e resolveu deixá-lo de lado para trabalhar com jornalismo. Afinal, lembra ele, tinha um filho para sustentar. E o cinema não parecia atividade rentável e segura.

No jornalismo, Coutinho, 66 anos, percebeu que cinema era mesmo a praia dele. Ele teria apenas que, digamos, mudar de rumo. Foi o que fez. Depois de três anos no *Jornal do Brasil*, o diretor foi parar no *Globo Repórter*, que durante toda década de 70 era gravado em película. Tornou-se documentarista. Desde então, defende o cinema documental como meio de mostrar como vivem e pensam as pessoas.

"O trabalho que fiz no *Globo Repórter* foi como se fosse um vestibular para fazer (e concluir) *Cabra Marcado Para Morrer*", lembra o diretor de *O Fio da Memória*. Na Globo, Coutinho filmava muito. Era contratado da emissora. Dividia o programa com freelancers como Jorge Bodanzky, Hermano Penna, Sylvio Back, entre outros.

Em 1976, o cineasta-jornalista foi ao interior de Pernambuco para fazer reportagem sobre a seca. O cenário era a cidade de Ouricuri. Fome e miséria assustaram. A verdade não deveria

escapar da tela, mesmo que o diretor tivesse que passar pelas censuras dos diretores da emissora e da ditadura.

Coutinho foi fundo no drama dos sertanejos. O programa não deveria ter mais de dez minutos. O material filmado, entretanto, era tão bom que ele não conseguiu montá-lo com menos de 30 minutos. "É impossível ir ao ar com tanto tempo",

vaticinou Paulo Gil Soares, que dividia a direção do programa com Washington Novaes. "Veja pelo menos o material", exigiu Coutinho.

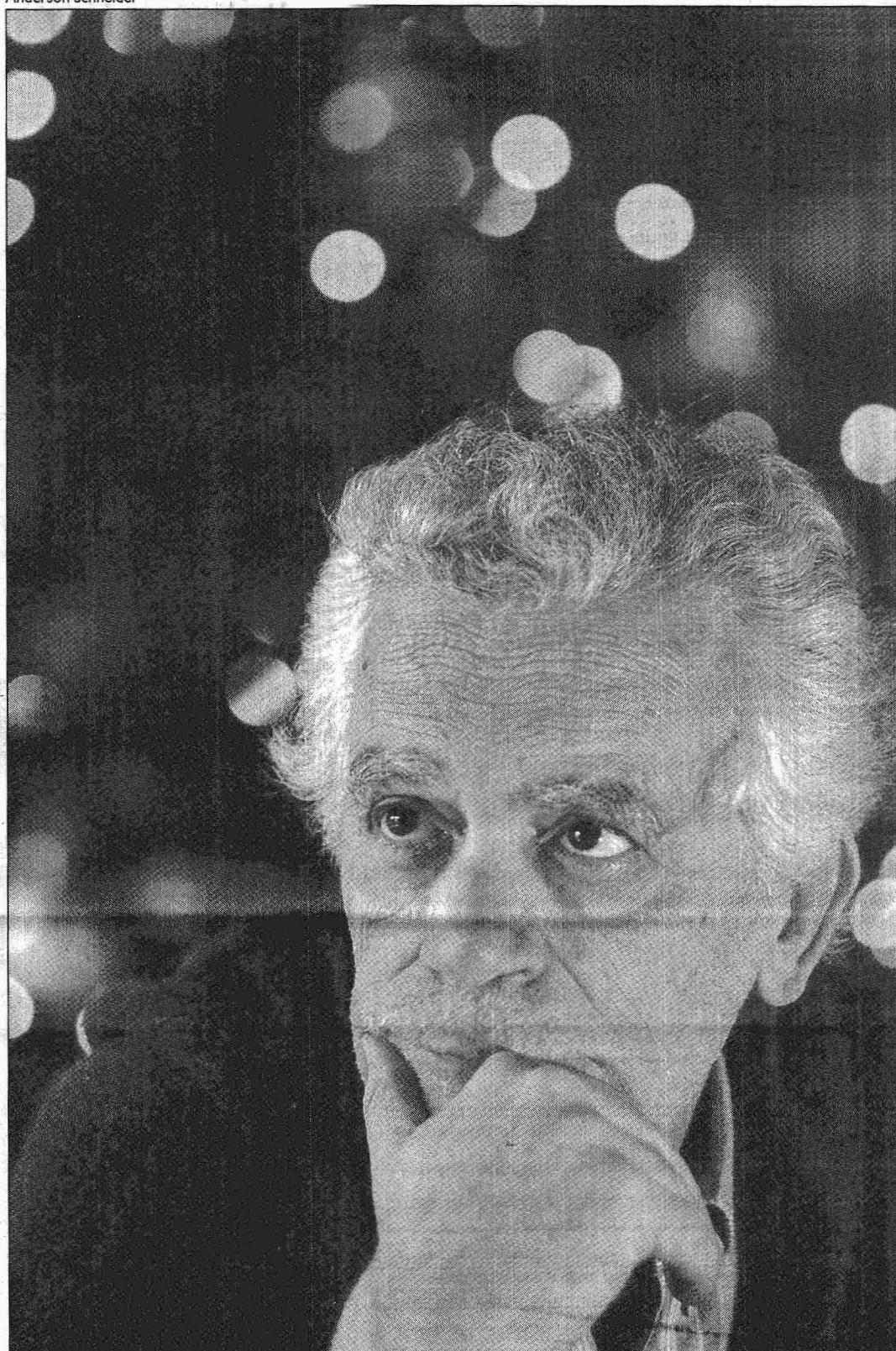
Paulo Gil ficou perplexo com o

que viu. Levou as imagens ao jornalista Armando Nogueira, um dos diretores da emissora. O programa acabou indo ao ar da forma que Coutinho queria. Foi o primeiro *Globo Repórter* com somente um tema por programa. Assim, Coutinho inovava na televisão feita em película e onde se comportava como cineasta.

A reportagem, conta Coutinho, também foi determinante para que ele mudasse o rumo de *Cabra Marcado Para Morrer*. O filme, que teve as filmagens interrompidas em 1964 devido ao golpe militar, teria estrutura de ficção. Tornou-se um dos documentários mais citados da história do cinema brasileiro — é apontado pelo próprio diretor como trabalho preferido, ao lado de *Santo Forte*.

Em 1981, Coutinho deixou o *Globo Repórter*. Nesta mesma época, o cineasta retoma o projeto de *Cabra Marcado Para*

Anderson Schneider



Eduardo Coutinho, 66 anos, começou no cinema como gerente de produção de *Cinco Vezes Favela*

Morrer, finalizado em 1984. A idéia de retomar o filme veio em 1979 com a anistia concedida pelo então presidente João Baptista Figueiredo. O momento mais difícil do regime militar para Coutinho foi a prisão em abril de 1964.

A proposta de filmar o país com visão mais crítica veio do CPC (Centro Popular de Cultura), da UNE (União Nacional dos Estudantes), e dos amigos do Cinema Novo. No CPC, Coutinho conseguiu o primeiro emprego no cinema: gerente de produção de *Cinco Vezes Favela*, filme em episódios dirigidos por

Cacá Diegues, Joaquim Pedro de Andrade, Leon Hirszman, Miguel Borges e Marcos Farias.

Com o desempenho em *Cinco Vezes Favela*, Coutinho foi escolhido pela direção do CPC para dirigir o próximo filme produzido pela UNE: *Cabra Marcado Para Morrer*. Entrava de vez na chamada sétima arte. Antes, havia estudado cinema em São Paulo, no Centro de Estudos Cinematográficos, e em Paris, no *Institute de Hautes Études Cinematographiques*.

Para morar na Europa (onde ficou por três anos), Coutinho usou economias da mesada

que recebia do pai e o que conseguia com cinema. Acumulou o equivalente hoje a dois mil dólares de prêmios recebidos em programa de perguntas e respostas de rádio de Blota Jr. e depois conseguiu bolsa para terminar o curso "totalmente acadêmico e totalmente diferente" do que fizeram com os cinemanovistas no início da carreira. O tema escolhido por Coutinho para o *Quiz Show* foi Charles Chaplin. Do inglês, ele sabia até o prato comido em 1925 em Paris. Fazia (e ainda faz) mesmo tudo pelo cinema. (Klecius Henrique).